

Presençds

ARTE FINAL DE CAPA

Wendel Paes de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Marco Alencar

Millo Ribeiro

Presenças

1. ed.



Copyright © 2021 Marco Editorial

2021

Impresso no Brasil

Marco Editorial

Rio de Janeiro – RJ

www.marcoeditorial.com.br

P644p	Ribeiro, Millo, 1989 - Presenças / Millo Ribeiro. - Rio de Janeiro : Marco Editorial, 2021. 98 p., 21 cm.
	ISBN 978-65-89028-03-1
	1. Mistério; 2. Óvnis; 3. Disco voador; I. Título.
	CDD: B869.93 CDU: 82-3=134.3

Ficção inspirada em alguns fatos reais.

Revisão: Nilce Franco Bueno (Editora e Jornalista - MTB
35560)

Ilustração de capa: Wendel Paes de Oliveira

Todos os direitos reservados

É proibida a reprodução, total ou parcial, do conteúdo sem
prévia autorização do por escrito da editora.

DEDICATÓRIA

Esse livro é dedicado:

- Aos meus filhos Carlos Eduardo, Renato, Carolina, Rodrigo e Dayse que embora vivam distantes, cada um com sua própria vida, são presentes em meu coração.
- À minha esposa Rita que sempre foi a motivação para meus escritos.
- Aos amigos do grupo de leitura “Ipsis Litteris”, antigo Centro Literário Rio Claro – Ipsis Litteris.
- A todas as pessoas ávidas por leitura.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a amiga Jornalista Nilce Franco Bueno pela revisão e editoração desse livro.

Sou grato ao amigo Wendel Paes de Oliveira pelo desenho e arte da capa.

Sou grato A Deus, que me deu a bênção do esclarecimento, inspiração e possibilidade de colocar tudo no papel.

“A mais bela coisa que podemos vivenciar é o mistério. Ele é fonte de qualquer arte verdadeira e qualquer ciência. Aquele que desconhece esta emoção, aquele que não para mais para pensar e não se fascina, está como morto: seus olhos estão fechados”.

Albert Einstein

APRESENTAÇÃO

No ano de 2020, ano que ficará marcado pela pandemia do Corona Vírus, veio parar em minhas mãos, como uma dádiva, o livro “Presenças”, de Millo Ribeiro.

Costumo chamar ao autor de “Senhor das Artes”, por sua atuação eclética e brilhante em todas as áreas que exigem sensibilidade apurada e muita garra, conforme podem observar em sua mini biografia.

Millo é uma daquelas pessoas que tem sucesso em tudo que faz, pois faz tudo de corpo e alma. Por isso, revisar e editar seu primeiro livro impresso, foi um prazer incalculável e surpreendente.

“Presenças” é uma daquelas histórias que não se consegue parar de ler, como acontece com seus contos geniais... Embora não goste de ler em tela de aparelho celular, levei a história de Millo para a cama, e só parei de ler quando vi o fim da trama, ao nascer do dia.

Confesso que, durante as décadas em que edito livros, poucos conseguiram despertar em mim essa avidez, dentre eles, o livro da poetisa rio-clarense Jovelina Moratelli, “O Pão Partilhado”, obra que me emocionou do começo ao fim, como “Presenças”.

A obra de Millo é algo impressionante: uma mistura da nostalgia de relatos de fatos caipiras de antigamente, com as revelações preciosas e a descoberta da fé, que transformam

substancialmente a vida de Seu Francisco e de seu filho Leonardo.

Dos fatos da vida de Seu Francisco, revelados ao filho durante a viagem de charrete à cidade grande, à primeira oração de Leonardo na capela, uma nova vida se desenha para pai e filho.

Um futuro nunca imaginado, repleto de mistérios e suspense, que só começou a se concretizar com a força de sua oração pelo pai, seu primeiro ato da fé recém descoberta.

“Presenças” é, sem dúvida, uma história para se ler, reler, e acreditar que Deus é, realmente, muito mais que seitas, religiões e crenças criadas na Terra.

Uma história simples, atraente e ao mesmo tempo impactante e reflexiva, com gosto de quero mais... Boa leitura!

Nilce Franco Bueno
Jornalista, escritora e poeta

PREFÁCIO

Durante um bom tempo eu quis colocar a minha história no papel, por ter passado pelo problema de ter um cálculo renal bloqueando o canal que liga o rim esquerdo à bexiga. Passei pela amarga experiência de ter um cateter duplo “J” nos dois rins, que eram para facilitar o funcionamento.

Nos primeiros noventa dias fiquei temeroso achando que iria perder um dos rins. Passado esse tempo retornei ao hospital e fiz uma cirurgia de implusão por laparoscopia, que usei como referência no livro, um aparelho que na época ainda não tinha sido inventado. Dessa experiência veio a imaginação, inspiração e a motivação para criar essa história, quando não se havia recursos para resolver tamanho problema.

Quando o filho Leonardo encontra o pai agonizando e não sabe o que fazer para resolver, procura a ajuda do vizinho Ataíde e consegue pelo menos abrandar a dor por um dia, mas a necessidade de buscar a cidade com hospital e melhores recursos é um motivo para que pai e filho façam essa viagem e vão se tornar bem íntimos, como nunca tinham sido antes. Era a oportunidade que faltava em suas vidas.

Às vezes um grande desafio promove o estreitamento entre as vidas que se encontram afastadas, devido aos medos impostos pelo preconceito que acompanha toda família.

Nesse livro o leitor se aprofunda nos sentimentos e na história de amor vivida pelo pai e na amargura por ter perdido a esposa que tanto amava. Resta ao pai cuidar do filho sozinho e, com o seu dilema de não aceitar mais Deus em suas vidas, priva-o de qualquer ensinamento sobre religião.

O que se apresenta em suas vidas como solução é o ponto mais importante e razão de discussão sobre os esclarecimentos do milagre presente em nossas existências. Coloca o leitor frente à uma discussão sobre a existência de outros mundos e seres que vivem neles.

Se são amigos ou uma ameaça para a terra. É possível tirar as conclusões e aceitar ou não esse caminho bem simples para as explicações aqui propostas.

Tenham uma boa leitura!

Millo Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	13
CAPÍTULO II	23
CAPÍTULO III.....	29
CAPÍTULO IV	35
CAPÍTULO V	40
CAPÍTULO VI.....	51
CAPÍTULO VII	55
CAPÍTULO VIII	64
CAPÍTULO IX.....	67
CAPÍTULO X.....	83
CAPÍTULO XI.....	94

CAPÍTULO I

A DOR

Ano de 1952, interior de Minas. Não era uma noite das melhores para se ter um sono tranquilo. Leonardo tinha só nove anos, mas já dormia em um quarto sozinho, bem ao lado da cozinha. Seu pai deixava a porta entreaberta que era para Leonardo enxergar o crepitar das brasas no fogão de lenha, única claridade que invadia a sala e o corredor.

Francisco ficava no quarto no final do corredor e dormia também com a porta aberta para que Leonardo ficasse em segurança ao saber que o pai estava perto.

Mas aquela noite, antes mesmo de se deitarem, os trovões anunciavam uma forte tempestade. Muito natural para o mês de março, quando o calor abafado e insuportável fazia despencar essas chuvas de verão que, rápidas, são devastadoras.

Os relâmpagos clareavam a casa toda e Leonardo se assustava. Começou a ouvir umas batidas que ele imaginou ser da janela do quarto do pai, que tinha o trinco frouxo. Ou o pai poderia ter se esquecido de trancá-la. Seria melhor ir até lá para ver?

Ficou preocupado com o que o seu pai pensaria. Não queria que ele imaginasse o filho com medo, embora fosse esse o sentimento debaixo daquela tempestade.

Arriscou e foi até o quarto. Viu o pai na borda da cama com expressão de dor e batendo com uma das botas no chão, chão esse que era de madeira. Era esse o barulho que ele ouvia, e não o da janela. Aproximou-se do pai, virou-o de lado e perguntou-lhe o que estava acontecendo:

- Uma dor terrível, filho, aqui nas costas, perto da cintura. Corra chamar o seu Ataíde antes que chova. Estou sofrendo muito com essa dor.

- Mas já começou a chover!

- Vista um casaco! Coloque o meu chapéu, calce as botinas e não perca tempo. Eu não aguento mais.

Leonardo apressou-se em obedecer e alcançou o terreiro, avistando a casa de seu Ataíde, que ficava a menos de cem metros de distância.

A chuva apertou um pouco mais e ele acelerou o passo o mais que pode até alcançar o portão. Tocou o sino da entrada várias vezes e nada de seu Ataíde aparecer. O barulho da chuva encobria o tilintar do sino.

Todas as dezessete casas do Arraial das Rosas tinham esse sino na porteira. Coisa inventada pelo seu avô que era ferreiro, além de construir carroças e charretes.

Leonardo desistiu de tocar o sino e, num impulso, pulou o portão que já estava trancado e foi bater à porta. Ou melhor, praticamente derrubava a porta, ao bater tão forte. Viu a sombra de Ataíde vindo pela casa e ficou mais calmo.

- Mas quem é a essa hora? - Ataíde foi até a janela para ver quem estava à porta.

- Sou eu Leonardo. Abra, por favor!

Ataíde abriu a porta e Leonardo invadiu a sala, todo encharcado.

- Desculpe molhar toda a sala, mas meu pai está chamando o senhor porque está com uma dor terrível e não sabe o que é.

- Vamos nos apressar. Deixe-me pegar uma capa, meu chapéu e minhas botas.

Tão logo se arrumaram ganharam o quintal e sumiram no meio do temporal para acudirem Francisco.

O clarão de cada relâmpago iluminava o caminho, dava para se enxergar até o armazém do seu Augusto que ficava lá perto da escola. Entraram direto para o quarto e depararam com Francisco rolando de dor no chão.

- O que foi homem? Perguntou Ataíde tentando ajudar o vizinho.

- Não sei Ataíde. Uma dor... É como se um punhal estivesse entrando em minhas costas, aqui na cintura.

- Vamos, vou ajudá-lo a se levantar. Consegue caminhar até o banheiro?

- Não tenho vontade de urinar, está doendo também o canal da urina.

- Mas vamos até lá. Se apoie no meu ombro. Onde está o penico?

- Aí, atrás desse armário.

- Faça força o máximo que puder, procure urinar pelo menos um pouco.

Francisco dá um gemido e vê poucas gotas caindo no penico. Ataíde vai buscar uma vela e clareia aquilo que ele tinha desconfiança: sangue, puro sangue junto à urina. Clareia o penico e mostra-o para Francisco.

- Está vendo, você está com uma pedra no rim, daí essa dor incontrolável.

- E o que faço?

- Calma, tenho cipó cabeludo em casa, vou correndo fazer um chá. Leonardo!

Leonardo corre para ver por que o chamam.

- Pegue a chaleira no fogão, misture um pouco de água fria porque aquela está muito quente. Faça compressas com as toalhas. Cuidado para não se queimar, e vá colocando nas costas de seu pai para amenizar a dor até eu voltar com o chá.

Ataíde sai depressa e Leonardo procura atender o pai o mais rápido possível. Dobra uma toalha, molha com a água quente já despejada em uma bacia e a coloca bem devagar nas costas do pai, para não queimar.

- Está aguentando pai?

- Sim está aliviando... Está bem quente, mas está passando a dor.

Após algumas trocas de toalha Francisco pede para Leonardo trazer o penico até o quarto.

- Vontade de urinar de novo pai?

- Sim, parece que as compressas estão dando vontade de novo.

Leonardo chega com o penico e o pai parece urinar muito mais que antes, mas ainda com sangue. Ataíde volta com o chá e coloca em cima da pequena mesa do quarto. Leonardo traz uma caneca de alumínio e Ataíde coloca o chá e entrega a Francisco que toma um primeiro gole.

- Mas isso é muito amargo.

- É assim mesmo. E terá que tomar a noite toda e o dia todo, pelo menos umas cinco canecas dessas, até passar essa dor. Depois que essa chuva parar, emprestarei minha égua Estrela. Vou preparar a charrete. Aí, junto com Leonardo, vá até o hospital da cidade. São duas horas de viagem e isso tem que ser tratado com urgência. Está melhorando?

- Sim com as compressas e o chá está bem melhor.

- Procure dormir. Lá no hospital os remédios são melhores e vão dar um jeito nisso. Boa noite.

- Acompanhe o seu Ataíde, Leonardo. - diz o pai, olhando para o garoto. - Muito obrigado por enquanto.

- Se não fosse o senhor, seu Ataíde, o que seria do meu pai? Eu não saberia o que fazer.

- Vai descansar menino, já fez muito por hoje.

Logo de manhã Ataíde já está na frente da casa com a charrete pronta e invade a casa para ver como está o vizinho. Quando entra no quarto percebe que Francisco conseguiu pelo menos urinar mais vezes, embora com muito sangue. Pensa que já é um bom sinal. Pode ser que a pedra no rim esteja descendo pelo canal que liga o rim à bexiga.

Vê que Francisco dorme um sono profundo. Logo ele, que era de pular cedo da cama, pelo fato de estar sem dor... Pelo menos por enquanto. Vai até o quarto de Leonardo e vê que esse também dorme. Que noite cansativa essa! Mas Ataíde precisa acordá-los para irem até o hospital na cidade. Aquilo poderia se repetir e ali não tinham recursos para resolver essa enfermidade.

Antes, Ataíde vai até a cozinha e prepara um café bem forte, tira o pão de dentro do forno e vai chamar primeiramente Leonardo, que acorda um pouco assustado.

- Meu pai está melhor?

- Tenho certeza que sim, porque ele dorme profundamente, mas é preciso que vá acordá-lo.

- Farei isso assim que eu lave o meu rosto e coloque a roupa. Vamos ter que ir ao hospital na cidade, não é? Acha que lá vão resolver?

- Sim. Ajeite uma coberta porque pode esfriar à noite, quando voltarem.

- Tem razão, vou providenciar tudo e depois acordamos meu pai. Vamos deixá-lo dormir mais um pouco.

Leonardo se apressa em arrumar tudo, pega uma sacola para colocar uns dois pães, um pedaço de queijo embrulhado em um guardanapo, uma goiabada ainda embalada, que foi dada pela mãe de Magali, sua amiga da escola. Enquanto estava preparando tudo ouve o pai resmungar alguma coisa no quarto.

- Que bom ele já estava acordando sem precisar chamá-lo – pensa em voz alta.

- Leonardo! - Francisco chama pelo filho e demonstra, pela voz, que ainda tem sinais de dor.

Ataíde vem atender ao chamado de Francisco.

- Estou aqui vizinho. Leonardo está preparando as coisas para irem ao hospital. A charrete já está pronta. Você precisa ter forças para chegar até lá e ser atendido o quanto antes. Deverá levar o chá que fiz em uma garrafa e tomar alguns goles, pelo menos de vez em quando, para que a dor não

volte. Outro problema é que o balançar da charrete vai mexer com essa pedra. Se isso acontecer pare um pouco e descansa até que passe a dor e depois siga a viagem.

Leonardo entra com a sacola pronta e vê que o pai ainda está debilitado.

- Anime-se pai, vai ser uma viagem longa.

- Isso mesmo Francisco, tome um bom banho. O café está pronto.

Francisco senta-se na beira da cama, espreguiça-se um pouco, experimenta se levantar com muito cuidado, equilibra-se e vai bem devagar até o banheiro. Leonardo recolhe o penico e leva-o para fora para jogar a urina. Ataíde o detém.

- Acho bom pegar um vidro pequeno e levar um pouco dessa urina para mostrarem lá no hospital. Pode servir para fazerem os exames. Tem um vidro pequeno?

- Tenho um onde guardo minhas bolinhas de gude.

- Vai servir, lave-o bem e me traga que colho a urina.

Leonardo obedece ao vizinho, guarda as bolinhas em uma gaveta, lava o vidro e entrega-o. Está cabisbaixo, com o olhar parado, bem pensativo, a ponto de deixar Ataíde preocupado e perguntar:

- O que acontece Leonardo?

- Estava pensando: minha mãe já se foi, e agora meu pai com esse problema. E se acontecer alguma coisa de pior com

ele e ele partir também? Vou ficar sozinho nesse mundo, sem ninguém para cuidar de mim, para morar comigo... Os pais de minha mãe pouco se interessam pela minha vida.

- Engano seu. Não vai acontecer nada de ruim com o seu pai... E depois, se isso acontecer, você jamais ficará sem ninguém. Eu estarei sempre aqui para ajudá-lo, para o que for preciso.

- Como foi que minha mãe morreu?

- Seu pai é que deve lhe contar sobre isso, e se não o fez ainda é porque está esperando o momento certo para fazer, quando você estiver mais preparado. Acho que ele ainda sofre muito com isso, mesmo depois de todos esses anos.

- Algumas vezes eu coloquei flores lá no túmulo dela. E para meu avô também. Eu estranho muito que no túmulo dela não tenha cruz. O senhor sabe o porquê disso?

- Seu pai ficou tão revoltado com o fato de ela ter morrido tão nova que brigou com Deus. Pegou todas as imagens que tinha na casa e me deu. O quadro da Santa Ceia que está na minha sala era de vocês. Até a bíblia ele não quis mais, me entregou e disse que para ele não tinha mais utilidade.

Francisco sai do banho, se veste e chama-os para tomarem o café:

- Vamos, não podemos atrasar mais, tenho medo que essa dor volte.

Sentam-se à mesa e tomam o café. Francisco pede para que Ataíde atenda alguém, que porventura apareça atrás de serviços, e explique o acontecido, mas que vai voltar logo.

Terminam o café e Leonardo ajuda o pai a trancar as janelas. Por fim fecham a porta da entrada. Sobem na charrete, ajeitam a sacola. Francisco leva a garrafa com o chá e uma caneca bem ao seu lado, para ir tomando enquanto viajam.

Despedem-se de Ataíde, agradecendo por tudo o que ele fez até o momento e pegam o caminho da estrada. Já na última curva se voltam para acenar, porque Ataíde ainda está plantado na frente da casa, como se esperasse pelo aceno.

- Esse nosso vizinho é de muito valor meu filho. Temos que estimá-lo porque nem todas as pessoas são assim tão amorosas. Quando eu passei a tristeza da perda de sua mãe, foi ele quem me consolou por vários dias, ajudou-me a fazer a cova e a fazer o caixão para enterrá-la.

- O senhor nunca me contou com detalhes como tudo aconteceu.

- Eu ouvi parte de sua conversa com ele enquanto me enxugava. Vou fazer isso agora, enquanto viajamos para a cidade. Será uma boa forma de passarmos o tempo.